



RESENHA

COUTO, Hildo H. do; COUTO, Elza K. N. N. do & BORGES, Lorena A. O. *Análise do Discurso Ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes, 2015, 218p.

Hulda Gomides Oliveira (UFSCar)

“Longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto”². Essa máxima saussuriana circula largamente no campo da Linguística e nos valeremos dela aqui para, de início, já indicar o ponto de visão que constitui o objeto da *Análise do Discurso Ecológica (ADE)* ou *Linguística Ecosistêmica Crítica (LEC)*: a visão ecológica de mundo. Envolvida por essa perspectiva, a obra *Análise do Discurso Ecológica – ADE*, lançada ainda neste ano, como volume 9 da coleção *Linguagem e Sociedade*, da Editora Pontes/Unicamp, pelos autores Hildo do Couto, Elza do Couto e Lorena Borges, quer instaurar exatamente um novo ponto de vista teórico e prático, uma outra forma de perceber e analisar fenômenos do mundo.

Trata-se de um ponto de partida epistemológico que instaura rupturas e continuidades e que, de alguma forma, abala e [re]constrói paradigmas, não só analíticos, mas de como enxergar e desenvolver as relações no mundo e com o mundo. A própria forma de escrita já revela alguns dos elementos caros à ADE: a harmonia e a integração. É harmônica, pois, apesar de ser uma escrita a três, os capítulos foram sendo costurados de modo a formar um todo entre as vozes autorais. E integradora, pois apresenta-se uma linguagem acessível, não empolada, com o cuidado de retomar conceitos de forma simples, fazendo o leitor sentir-se integrado à escrita, convidando-o, inclusive, a aderir à área por meio de sugestões de análise, por exemplo.

Na esteira do movimento de rupturas e continuidades, a ADE estabelece continuidades ao reclamar termos como “análise do discurso” ou ainda “linguística” e “crítica”, se optarmos pela denominação LEC. Isto é, o que ela faz dialoga com a análise de discurso, com a sua perspectiva crítica de análise, mantendo, por fim, relações como o linguístico. Levando isso em consideração, o primeiro capítulo vai recuperar aquilo que tem sido chamado de “Análise do Discurso”, para mais à frente estabelecer as linhas de trabalho

de uma Análise do Discurso Ecológica. Nesse sentido, são trazidos conceitos fundamentais à AD, desde Harris, passando por Bakhtin, até se desenrolar na Europa como Escola Francesa da AD, com nomes como os de Pêcheux, Dubois, Courtine e Foucault. São revistos, então, elementos indicadores das filiações teóricas de tal corrente, dos quais podemos destacar: o materialismo histórico, a partir de uma releitura de Marx por Althusser; a psicanálise freudiana via Lacan; e os estudos linguísticos de Saussure.

Na sequência, o capítulo dois faz, de modo semelhante, uma história da Análise do Discurso Crítica (ADC ou ACD), retomando nomes importantes como os de Fowler, Kress, Fairclough; apontando para a força de bases teóricas distintas das que sustentavam a AD francesa, temos: os estudos linguísticos britânicos desenvolvidos por Firth, Halliday e Sinclair; as teorias marxistas de base gramsciana; e a teoria crítica praticada na Escola de Frankfurt (com autores como Adorno, Horkheimer e Habermas). Por fim, apresenta-se, ainda, uma visada sociocognitiva, produzida mais tarde por van Dijk. Em geral, o que conecta esses tratamentos analíticos é o termo “crítica”, que se pauta no fundamento de que “teorizar sobre a linguagem é uma maneira de interferir tanto no sistema quanto na estrutura social que o fundamenta” (p. 53).

Em seguida, e não por acaso, vem o capítulo intitulado Ideologia. Até aqui a obra nos mostra formas de desenvolver algumas tendências em análise de discurso e, diante disso, um conceito-chave para os arcabouços teóricos por ora apresentados é certamente o de ideologia. Segundo a ADE, a noção de ideologia que atravessa e sustenta tanto a AD quanto a ADC é eminentemente negativa. Aqui se encontra, portanto, o grande movimento de ruptura que a ADE quer empreender; ela faz sim “análise de discurso”, ela mantém também um tratamento crítico da AD, na medida em que compreende que teorizar é interferir na estrutura social; contudo, ela não compartilha da ideia de que a ideologia é uma abstração da realidade ou um sistema de ideias que domina o espírito dos homens, ou ainda, um dispositivo de ilusão, que cria uma falsa consciência e que aliena e pretende apagar a existência de uma luta de classes em prol da exploração de uma sobre a outra.

A Linguística Ecológica Crítica defende uma ideologia da vida ou uma ideologia ecológica, nos seguintes termos: “onde a AD, a ADC e a Ecolinguística Crítica [que é uma outra vertente apresentada na obra] veem ideologia política e relações de poder, a ideologia ecológica vê a vida e tudo que lhe diz respeito” (p. 74). E é essa ecoideologia que será mostrada e cada vez mais detalhada nos capítulos subsequentes. A

Ecolinguística, ancorada na macroecologia, é a grande área que abriga, portanto, a ADE/LEC, uma vez que ela se volta às interações verbais que se dão no ecossistema linguístico, isto é, interessa a ela o estudo do meio ambiente da língua, e não um estudo das relações entre língua e meio ambiente, ou menos ainda, um estudo de questões estritamente ambientais. Acontece que a ADE e a LEC estabelecem tais novas nomenclaturas justamente para evitar mal-entendidos que liguem suas análises a áreas que se dedicam a trabalhos com temáticas ambientalistas.

Considerando essas discussões, em 2011, começa a surgir o uso da expressão “linguística ecossistêmica”, no seio da Ecolinguística desenvolvida no eixo Brasília-Goiânia, a fim de estabelecer alguns paradigmas centrais: i) o conceito de ecossistema, vindo da ecologia, é fundamental à ADE/LEC, de tal modo, a ecologia não vem de fora para dentro, antes, parte-se da ecologia para estudar questões linguísticas; ii) os conceitos ecológicos, nesse sentido, não são meras metáforas, mas são sim a base para as análises empreendidas. Esta obra é, portanto, a apresentação de uma nova perspectiva de compreensão teóricocrítica da vida humana (relações homem-natureza).

Ao depreender um trabalho de fundamentação e exposição dos pressupostos que envolvem a área, o que se sugere é que se trata da constituição de uma postura epistemológica, ampla e radical (no sentido de ser profunda), diante das práticas sociais de linguagem em geral. A associação à Ecologia, nesse ritmo, funciona para garantir uma visão holística e multidisciplinar, e não vinculada a análises de discursos ambientalistas, conforme vimos, inclusive por não se identificar como “análise do discurso ecológico”. Antes, trata-se de uma postura de avaliação dos discursos baseada na ecologia/biologia (análise ecológica dos discursos), enquanto parâmetro basilar e transversal das relações gerais e reais entre seres humanos e meio em que vivem.

A perspectiva ecológica parece atingir de modo preciso a condição necessariamente interativa dos discursos. A palavra ‘condição’ vem ressaltar aqui o entendimento de que os discursos estão sempre envolvidos em condições de produção e a ecologia seria, assim, constituinte fundamental dos ambientes discursivos. Questões como diversidade, adaptação, evolução, sustentabilidade, comunhão, abertura (no sentido de não isolamento) não são aspectos peculiares a determinados grupos, antes, são elementos comuns da/na interação entre seres que, em movimentos multilaterais, buscam harmonia. Aliás, vale dizer, a organização de um ecossistema preza pelo equilíbrio (pelo não sofrimento), e isso também é central nas análises da ADE/LEC, mas esse parâmetro não

quer significar que os elementos de tal sistema caminhem sempre em consenso, é exatamente no embate constante, em um jogo entre a novidade e a estabilidade, que o movimento sistêmico se desenha. Cabe à área, segundo ela mesma reconhece ao longo da obra, um prescritivismo metodológico positivo, no sentido de recomendar práticas que tragam o menor sofrimento possível ao meio.

A proposta é, enfim, elevar a ecologia a paradigma geral de formação dos discursos, ou ainda, instaurar a visão ecolinguística como área-base transversal para os mais diversos tipos de texto, ressaltando-se a configuração biopsicossocial dos seres em interação real. A busca por um “tema maior” que perpassa e constitua as relações humanas (e as demais relações potenciais a esse contexto) não é fortuita, uma vez que linguagem e ecologia (meio ambiente) são elementos sempre presentes nas interações, e, assim, não seriam vieses de análise ou segmentos relativos a grupos determinados. Toda a metodologia de análise é detalhada, especialmente no capítulo Ecologia da Interação Comunicativa, estabelecendo termos ecológico-linguísticos que fundamentam os estudos: considera-se um cenário de interação comunicativa (comunicação) entre falante e ouvinte que fazem referência (interação indivíduo-mundo) a um assunto, constituindo um “conjunto de hábitos interacionais [chamados] de regras (interacionais e sistêmicas) [...]” (p. 109).

Os quatro últimos capítulos reúnem exemplos de análises a partir dos paradigmas da ADE arrolados até ali, inclusive traçando diferenças entre análises feitas segundo o referencial da AD e da ADC. Isso é interessante, pois indica na prática como se dão as formas de tratamento e compreensão de cada uma das áreas, conforme já tinha sido indicado no aspecto teórico. Só para exemplificar, ao tratar de discursos relacionados à agressão contra a mulher, a ADE reforçará o fato de que por ser mulher é que deve ser defendida como ser humano, não apelando para argumentos ideológicos, que acirrem o conflito entre homens machistas e as perspectivas feministas. Não, o ponto de vista da LEC é conciliatório e apela para a defesa da vida, nem contra nem a favor seja de homens ou de mulheres, mas sempre em prol da vida e do não sofrimento. Vejam que o argumento ecológico é radical, uma vez que aponta para a configuração completa e harmônica dos seres, e não para aspectos circunstanciais ou acessórios. Neste caso, reclama a defesa da constituição biopsicossocial do ser humano, logo, de seus ecossistemas natural, mental, social e espiritual, enfim, não sobrepondo o social aos demais níveis. Ou ainda, no penúltimo capítulo, quando é retomado o caso dos meninos de rua. Trata-se, de fato, de uma retomada, pois o estudo foi reinterpretado a partir da perspectiva ecológica.

ECO-REBEL

Em uma primeira análise foram ressaltados aspectos formais e antropológicos do imaginário constitutivo dos dizeres dos meninos (fundamentando-se na semiótica greimasiana e na antropologia durandiana do imaginário). Já sob o tratamento ecocêntrico, foram privilegiadas as estratégias de readaptação e sobrevivência empreendidas pelos meninos que, ao se verem expostos na rua, buscavam se ajustar e lutavam sobretudo pelo não sofrimento, pelo equilíbrio perdido (ou talvez, nunca antes por eles vividos). Isto é, a análise busca interferir no cerne da problemática: “analisa, critica e prescreve/recomenda comportamentos que favoreçam a vida e evitem o sofrimento” (p. 138), pois é a vida, afinal, que realmente mais importa aos seres – não só aos seres humanos, mas a todos os seres participantes do movimento ecossistêmico. Por tudo isso, esta obra é, ao mesmo tempo, fundadora, ao estabelecer diálogos e rompimentos com áreas de estudos precedentes e, assim, firmar novo arcabouço teórico-prático; e propositiva, ao funcionar como uma espécie de proposta e convite a trabalhos vindouros, que podem aderir a tal linha de pesquisa por meio do “manual de introdução” que acaba de ler.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 1, n. 2, 2015.